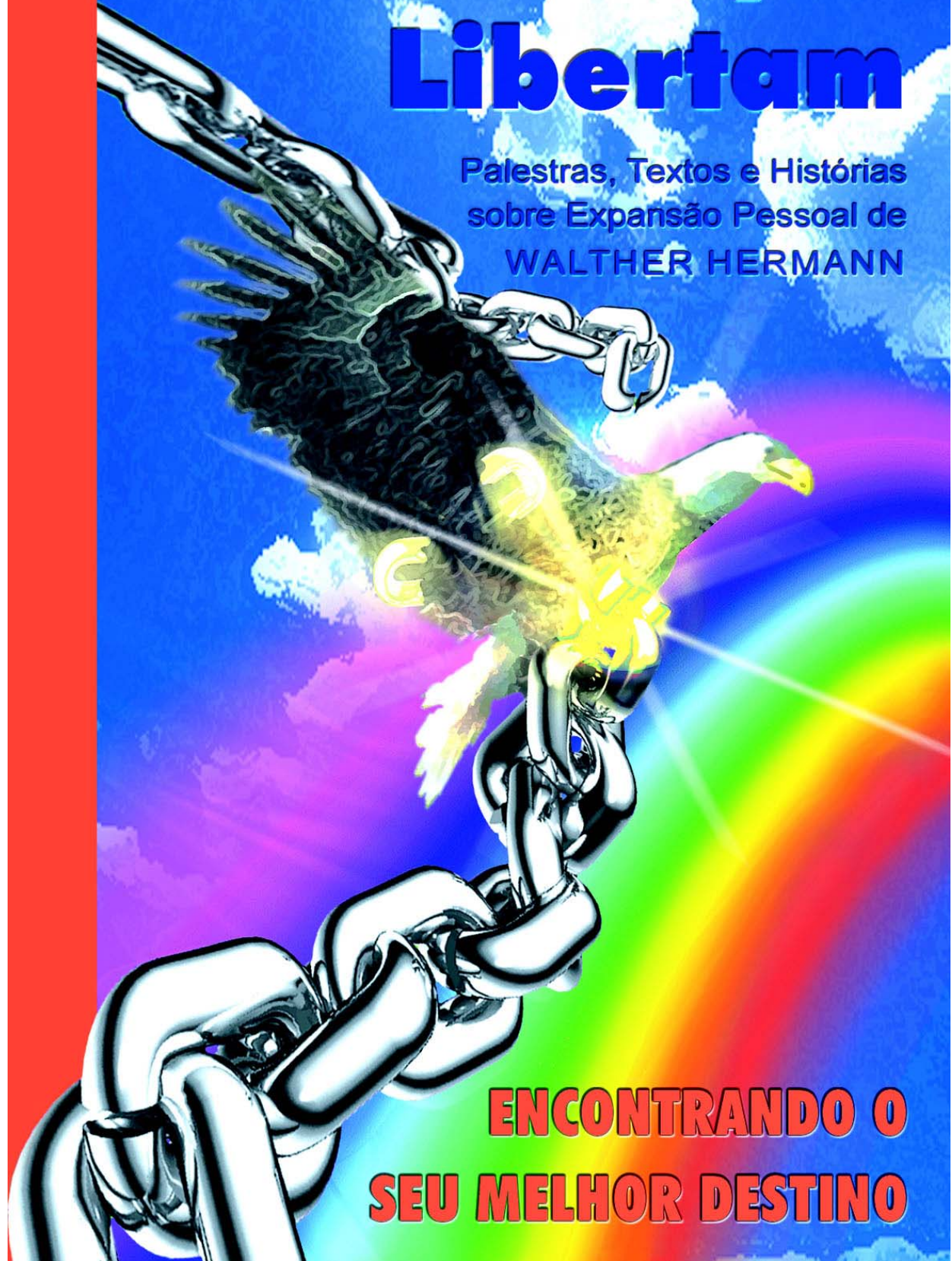


# **Histórias que Libertam**

Palestras, Textos e Histórias  
sobre Expansão Pessoal de  
**WALTHER HERMANN**



**ENCONTRANDO O  
SEU MELHOR DESTINO**

COLEÇÃO HISTÓRIAS QUE LIBERTAM

# ENCONTRANDO O SEU MELHOR DESTINO

Walther Hermann  
2011

---

*Edição e produção:* Walther Hermann

*Editoração e Fitolitos:* JOIN Bureau de Editoração

*Revisões:* Danae Stephan

*Criação e produção da capa:* Gerson da Silva Domingues

*Supervisão artística da capa:* Gilson da Silva Domingues

*Finalização da capa:* Neide Siqueira

*Direitos autorais:* Walther Hermann Kerth

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Histórias que libertam: expansão pessoal /  
Palestras, artigos e textos de Walther Hermann.  
— São Paulo: W. Hermann, 2011.

Obra em 12 v.  
ISBN 85-87778-04-8

1. Auto-ajuda – Técnicas 2. Conduta de vida  
I. Hermann, Walther.

00-629 CDD-158.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Desenvolvimento pessoal: Psicologia aplicada 158.1
2. Potencial humano: Desenvolvimento: Psicologia aplicada 158.1

**INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL HUMANO**

Home-page: [www.bloqueios.com.br](http://www.bloqueios.com.br) E-mail: [potencial.humano@uol.com.br](mailto:potencial.humano@uol.com.br)

Fone: (19) 3258-6008 – Fone/Fax: (19) 3258-4454 – Campinas – SP

## Apresentação

Qual é o segredo da arte de tomarmos as melhores decisões?

Saber escolher e distinguir informações valiosas neste mundo de tamanha poluição mental pode representar a diferença fundamental entre o sucesso e a sobrevivência.

Quando Einstein e outros grandes cientistas do passado estiveram em busca de construir suas obras científicas mentais e intelectuais, havia algo que os impulsionava através das dúvidas, fracassos e mínimas descobertas.

Por maiores que fossem as críticas, os desafios e os obstáculos oferecidos pelas comunidades científicas de suas épocas, pois estavam virando o mundo do conhecimento de ponta-cabeça, alguns deles afirmavam que não sabiam bem para onde caminhavam, mas **sentiam** que deviam continuar ou que estavam nos caminhos certos.

Somente sabemos para **onde** caminhar quando determinamos um objetivo já conhecido. Algum destino no qual alguém já esteve, algo que já fora obtido ou conquistado por alguma outra pessoa.

Porém, os grandes exploradores da humanidade atingiram resultados desconhecidos até então. Como poderiam saber para onde ir? Talvez sentissem em qual direção deveriam caminhar.

Como nos orientar quando estamos em busca do novo, do desconhecido, de uma solução somente nossa? Especialmente criada para nossa individualidade?

Refletindo sobre nossas vidas, muitas vezes concluímos que estamos buscando aquilo que ainda não existe... E que teremos que criá-lo!

Mas a falta de um mapa é tão assustadora que podemos não ter coragem de prosseguir nesses percursos ou enfrentar tais desafios e, finalmente escolhemos algo que alguém já tenha feito e tenha garantido que foi seguro tal caminho.

Esse é um dos objetivos deste pequeno livro, no qual a atmosfera da coleção “Histórias que Libertam” é reproduzida mais uma vez para criar mais espaço mental e emocional para encontrarmos com mais serenidade o nosso próprio caminho e termos a certeza disso quando acontecer.

Metaforicamente, diria que estamos retirando o pó e polindo nosso espelho interior para podermos nos enxergar melhor dentro de nós mesmos.

Na história seguinte, alguns desses sentimentos poderão se apresentar à sua consciência.

### Um Trabalho com Adolescentes

Como expositor da II Feira Internacional de Esportes em 1.994, tive um estande de divulgação e apresentação da Psicologia Esportiva, uma área de atuação e transição que explorei antes de me tornar palestrante e consultor educacional.

Nessa ocasião, fizemos contato com uma visitante, também expositora da feira – na época, uma das coordenadoras de um projeto educacional do Governo Estadual de capacitação e inclusão de adolescentes provenientes de famílias de baixa renda no mercado formal de trabalho.

Esse projeto se chamava CIT (Centro de Iniciação ao Trabalho), e tinha por objetivo proporcionar qualificação profissional mínima para aqueles jovens precocemente iniciados em suas vidas profissionais a fim de contribuir para o orçamento familiar.

Eles enfrentavam o seguinte obstáculo: ao procurar emprego, era-lhes exigida alguma experiência profissional anterior. Mas nunca conquistariam tal vivência sem antes ter a primeira oportunidade de trabalhar formalmente!

Sensível a isso, naquela época, o Governo do Estado desenvolveu esse programa para atender as necessidades desses garotos que tinham idades entre treze e dezessete anos.

Fui convidado a conhecer esse projeto e, gostando dele, resolvi fazer um trabalho voluntário comunitário, já há muito tempo desejado, porém, até então, não concretizado.

De acordo com minha disponibilidade, da estatal, dos garotos e do espaço físico, decidi que esse trabalho seria oferecer-lhes a oportunidade de aprender esportes com raquetes – e seria uma atividade semanal, aos sábados, na própria unidade da estatal, onde já recebiam o treinamento profissionalizante de três meses de duração para, posteriormente, serem absorvidos em um estágio remunerado de nove meses nas próprias unidades da estatal.

Eu sabia que, através da prática esportiva, utilizando-a como cenário, poderia oferecer-lhes um conjunto de conhecimentos que lhes seriam muito úteis. Também sabia que não encontrariam isso na educação formal, convencional ou não – coisas que levei anos para descobrir e, ocasionalmente, me custaram muitos recursos.

Tornado público meu interesse no trabalho, haveria uma palestra na qual eu seria apresentado aos jovens, quando então teria a oportunidade de persuadi-los a comparecer aos sábados espontaneamente – o projeto CIT/CESP não se responsabilizaria pelos custos extras de transporte e alimentação.

Além disso, suas cargas de atividades semanais já ocupavam jornada integral – viriam quantos se interessassem.

Já habitante desse universo no qual o resultado do meu negócio depende da minha competência e habilidade de valorizar tais ganhos, motivando as pessoas a desejá-lo, pensei que seria interessante essa nova experiência – venderia idéias a quem não as pagaria senão com o próprio tempo.

Assim, foi agendado um dia em que todos os jovens, professores, psicólogos e coordenadores do projeto estariam presentes para minha apresentação.

Foi numa tarde de quarta-feira, muito quente, a palestra. Tinha já preparado o que eu diria, numa linguagem adequada àquele público.

Porém, enquanto permanecia sentado, à frente daquela sala retangular, em volta da qual todos se sentavam encostados à parede, antes mesmo de ser formalmente apresentado aos presentes, comecei a observar-lhes os rostos e percebi que alguns já estavam atentos a mim, outros ainda conversavam entre si e também existiam alguns mais alvoroçados e fazendo farra.

Naqueles instantes iniciais, meditei sobre a importância do que eu faria ali. Desejei falar algo que, mesmo não participando das minhas atividades, ainda assim plantasse sementes que, um dia, germinariam e lhes proporcionariam bons frutos. Com essas intenções em mente, fui apresentado e iniciei a palestra.

Vários minutos se passaram e percebi o meu discurso distanciando-se da percepção deles; a palestra se assemelhava a qualquer outra, até que tive uma grande idéia: encontrei uma forma de envolvê-los numa brincadeira. Mudei meu roteiro e propus algumas perguntas.

Imaginem conhecer uma pessoa, um amigo ou amiga, um terapeuta ou um professor, talvez um parente, na qual confie totalmente – uma pessoa do carinho e respeito de vocês. Suponham que não encontrem essa pessoa há alguns dias e, a título de experiência, fossem lhe contar tudo aquilo que aconteceu antontem.

Quanto tempo levaria essa exposição (conversa)? Evidentemente, se esse dia em particular fosse um dia mais incomum, talvez tivessem muitas coisas para contar.

Por outro lado, se fosse um dia menos intenso, menos coisas. Considerem a média. Não devem incluir interpretações e conclusões, apenas as descrições dos fatos.

Evidentemente, deve ser um bate-papo descontraído, portanto, quando começamos a contar, nossa própria memória é ativada naturalmente, dilatando um pouco o tempo de conversa.

Repito: de quanto tempo necessitariam para contar o dia de antontem a uma pessoa com a qual se relacionam abertamente? Quantifique esse tempo, para compreender as percepções que os garotos tiveram.

**INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL HUMANO**

Home-page: [www.bloqueios.com.br](http://www.bloqueios.com.br) E-mail: [potencial.humano@uol.com.br](mailto:potencial.humano@uol.com.br)

Fone: (19) 3258-6008 – Fone/Fax: (19) 3258-4454 – Campinas – SP

Eles responderam os mais diversos números: minutos alguns, horas outros e até, em tom de gozação, dias!

Propus outra pergunta. Suponhamos agora ter se passado mais tempo sem encontrar essa pessoa, talvez... três semanas, e que vocês resolvessem contar todo o ocorrido na semana anterior: aquela que se iniciou há catorze dias e terminou há uma semana.

Quanto tempo levariam para contar essa semana anterior inteira àquela pessoa? Novamente estimaram minutos, horas e até dias!

Fiz uma nova ponderação. Imaginem que faça ainda mais tempo: três meses, por exemplo. Quanto tempo levariam, então, para contar o mês anterior? Inteiro? Sim, inteiro! Novamente, quantifique... Ouvi as mais diversas respostas, outra vez, desde minutos até dias!

Outra estimulação. Suponham agora ainda ter se passado mais tempo, muito mais, quem sabe dois anos. E agora? Quanto tempo seria necessário para relatar, numa conversa com uma pessoa íntima, tudo o que se passou no ano retrasado? Minutos, horas, dias... Alguns brincaram, meses!

Finalmente, perguntei: “Mais tempo, muito mais tempo se passou. Possivelmente um de vocês tenha viajado para longe, morado fora, e talvez seja um reencontro após muitos, muitos anos... E vocês fossem contar-lhe tudo o que lembram ter ocorrido na década que terminou há dois anos. Quanto tempo levaria, então, essa conversa?”. Tal como antes, as respostas foram minutos, horas, dias, meses... Anos!

### **Dormindo Acordado**

Contei-lhes então que eu tinha, na época, trinta e três anos (apenas para as contas ficarem redondas). Disse-lhes também que, em média, dormia oito horas por dia (também não era verdade, dormia de quatro a seis horas, naquela época).

Tendo o dia vinte e quatro horas, se eu dormisse oito, então dormiria um terço de cada dia. E, se eu dormia a terça parte de cada dia da minha vida, naturalmente eu teria dormido a terça parte da minha vida – isso, em números, indicava que eu dormira onze anos! De olhos fechados, na cama...

Lembre que a idade deles variava entre treze e dezessete anos, **quase a vida toda!** Comentei, assim, que talvez o mais importante não fossem aqueles onze anos nos quais eu dormira de olhos fechados, e sim, talvez, os vinte e dois anos restantes dormidos de olhos abertos.

Afinal de contas, se eu fosse me lembrar desses anos todos, quanto esses eventos e fatos ocupariam do meu tempo de conversa ou permaneceriam em minha lembrança? Quão significativos eu tornara esses anos a ponto de se pulverizarem em minha memória?

Enfim, eu queria dizer-lhes algo sobre o fato de, ainda apenas garotos, talvez já terem aprendido e aceitado uma das maiores mentiras de nossa cultura. Todos eles eram procedentes de condições sociais, econômicas e culturais menos favorecidas.

Alguns deles, certamente, limitados por esse contexto, tinham consciência de não possuir as ferramentas, instrumentos e oportunidades de outros jovens da mesma idade.

Talvez tivessem abandonado precocemente alguns de seus sonhos ou ideais. O pensamento realmente importante para contar-lhes era que: **o nosso presente é consequência do nosso futuro!** E não do nosso passado, como aprendemos originalmente.

Por mais obtusa que possa parecer essa afirmação, existem evidências disso nas pesquisas realizadas por cientistas e físicos especialistas e estudiosos da realidade fundamental da matéria: física nuclear, quântica e de partículas e a própria cosmologia.

Para nós, seres humanos, essa assertiva possui ainda mais consistência. Reflita, imagine que amanhã talvez seja um dia ruim, sombrio, e tudo aquilo que você temia acontecer... vai acontecer.

Tudo o que podia dar errado vai dar errado. Avalie, como você se sente **agora** ao vislumbrar um futuro assim ruim? Mal, não é? Muito mal...

Pense diferente. Quem sabe por descobertas, decisões ou aprendizados durante o período de leitura deste livro, quem sabe por sínteses ou planos feitos mais recentemente, imagine agora que amanhã será um dia diferente, melhor, muito melhor.

Muito superior a qualquer outro! Um dia muito bom. Pense em quantas oportunidades já passaram “debaixo do seu nariz” e talvez você não as tenha identificado (enquanto tinha possibilidade de agarrá-las); agora suponha que parte delas, pelo menos, se tornem evidentes à sua percepção e amanhã seja o primeiro dia de uma nova era.

Que seu “faro” por bem-aventurança esteja muito mais treinado. Uma época na qual você consiga aplicar sua vitalidade em construir um mundo ainda melhor para si e para as pessoas com as quais convive.

Assumirá seu papel e sentido único na humanidade e viverá definitivamente o seu melhor destino. Como você se sente **agora**, vislumbrando esse futuro brilhante?

*Touché!* Para nós, seres humanos, no mínimo na dimensão de nossa experiência subjetiva, **o presente é consequência do futuro!**

Minha intenção era contar para aqueles garotos que, fosse qual fosse a história de cada um deles, mais dramática ou menos, no futuro talvez se pulverizasse em suas memórias.

O importante era perceber para onde estariam orientando o próprio “faro” – os sonhos, ideais e esperanças lhes dariam essas direções.

Queria dizer-lhes que sonhar com um mundo melhor melhoraria cada dia do presente e assim saberiam como e quando caminhar para dias mais prósperos.

Aquilo que realmente nos dá sentido à existência só pode vir a ser através das nossas próprias mãos, nossas mentes, nosso coração. De fato, um dia eu mesmo vivera essas experiências, situações e constatações e, insatisfeito com os resultados obtidos até então, tomei algumas decisões muito importantes.

De fato, foram três decisões significativas que reorientaram todas as minhas atitudes, percepções e o meu “faro”.

### **Farejando Novas Oportunidades**

Olhara para trás e concluíra que não estava satisfeito com o que acontecia. Descobrira algo interessante em minha vida.

Os eventos históricos, os fatos propriamente ditos, raramente apontavam para o início exato de algo que estivesse acontecendo ou se iniciando; eles apareciam apenas para registrar, no mundo objetivo, o que se processava no nosso universo interior.

Essas observações me proporcionaram uma certa habilidade de antever alguns possíveis acontecimentos. Por exemplo, um dia, praticando esportes, sofri um acidente, uma torção muito séria no tornozelo.

Observando retrospectivamente, numa dimensão maior de tempo e espaço, hoje percebo que mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer, ou qualquer outro acidente esportivo.

Era inevitável, graças à atitude de desrespeito aos limites de minhas condições físicas e ao exagero no treinamento – o evento histórico “torção do tornozelo” foi apenas o registro histórico de uma forma inadequada de treinar.

Naturalmente, essas conclusões pessoais tomaram-me muito tempo de observação, na busca de evidências e semelhanças entre fatos. Também na leitura cuidadosa de acidentes de outros atletas. Assim, no presente fica relativamente fácil antever um acidente iminente.

Talvez o amadurecimento dessas percepções e a síntese de tais decisões estivessem, em parte, relacionados a um determinado evento.

Num domingo, no começo da década de noventa, lendo o jornal, encontrei uma reportagem incrível: o título era algo como “Quinhentos mil paulistanos ganham acima de US\$ 10 mil mensais”. Naquela época, já microempresário, não acreditei.

Era uma matéria de última página, inteira. Precisei lê-la completamente para concluir que **eu** estivera há muito tempo em crise – o choque foi grande: uma mistura de espanto com a percepção de ter sido iludido por tanto tempo!

Era o início de mais um plano econômico mirabolante (Plano Collor). Realmente, “tinha apertado o cinto”, mas as informações apresentadas nos cadernos de economia dos jornais me conduziam a acreditar que talvez eu houvesse quebrado meu negócio dois anos antes.

Todos nós conhecemos o quão catastrófico é o nosso estilo de imprensa e jornalismo econômico.

Já tinha uma coleção de pensamentos, evidências e conclusões que vinham “cozinhando” em minha mente, mas o ingrediente final, acredito, foi essa reportagem.

Concluí, então: não existia nenhuma crise, ou melhor, eu havia escolhido estar naquela crise; afinal de contas, ela não atingia cerca de meio milhão de pessoas de nossa cidade! Assim, convivia naquela época com inúmeras fantasias e fantasmas de dificuldades e maus sentimentos.

Concluí que, **se eu não fizesse algo, ninguém faria por mim!** Afinal, viver é tomar decisões, considero.

A primeira e mais importante decisão foi: dali em diante **eu iria me sentir bem!** Eu nunca conseguiria ensinar isso ou proporcionar bem estar a alguém se eu mesmo não tivesse tido essa experiência.

Observei que grande parte das pessoas fala e fala sobre felicidade, mas como não a pratica, torna-se um blá-blá-blá, transmitido de geração em geração.

Um exemplo comum é quando as pessoas desejam felicidade num relacionamento afetivo ou casamento, mas aceitam a idéia de que “nem tudo é um mar de rosas” ou “casamento é assim mesmo, tem altos e baixos”.

Percebi que isso apenas justificava o descompromisso de assumirem suas próprias responsabilidades.

Enfim, nosso assunto era que **eu** decidira **me** sentir bem! Essa foi a primeira das três grandes decisões que redirecionaram minhas buscas, sensibilidades e interesses na vida. As outras duas decorreram dessa primeira...

### **Jornais, Revistas e Televisão**

A segunda decisão, decorrente da primeira, foi que eu não iria mais ler jornais ou assistir à televisão.

Ao longo do meu amadurecimento, minha sensibilidade e minha percepção, lenta e gradualmente, foram se desenvolvendo e comecei a perceber, então, que eu começara a me sentir mal, às vezes muito mal, ao ler jornais.

Quantas crises, constrangimento e mal estar não foram disseminados pela imprensa... Foi exatamente isso que comecei a sentir. Catástrofes, corrupção, desentendimentos... existem até veículos especializados nisso. Há quem diga que “se torcer, sai sangue”.

Para ter uma idéia, após alguma medida econômica ou política mais séria, compare as reportagens de segunda-feira com as de quinta-feira para identificar as contradições. Porém, na segunda e na terça-feira muitos já se permitem sentir mal. Muito mal, às vezes.

Nossa televisão, naquela época, com raras exceções, possuía poucos filmes nos quais não houvesse uma arma, uma trama de morte, coerção ou cenas de ciúme. O jornalismo? Igual ao da imprensa escrita. Novelas? Todas iguais. Comerciais? Com um nível de ética bastante questionável. O que restava?

Um documentário aqui, outro ali, correndo-se o risco de permitir a entrada em nossa mente de visões tendenciosas ou crenças em paradigmas pertencentes ao passado. Poucos se salvavam.

O pior era que, através da televisão, que em nossa cultura está em quase todos os lares, nenhuma programação pede licença para entrar em nossa casa. Você conhece aquele mito do Conde Drácula?

Aquele ser sugador de sangue que só pode entrar em nossa casa quando convidado? Pois é! Decidi que iria me sentir bem e, portanto, não veria mais televisão nem leria jornais. É claro, minha profissão permitia esse “disparate”, meu coração também.

### **Aceitando Um Fracasso**

A terceira decisão não foi fácil, tomou algum tempo de reflexão e julgamento. Naquela época eu tinha uma loja de artigos esportivos especializada em esportes com raquetes.

Esse fora um empreendimento daqueles que “caíram em minhas mãos” de uma forma meio mágica.

Durante muito tempo, na academia, para atender melhor a meus alunos, todas as vezes que eu comprava algum bom equipamento esportivo (roupas, tênis, raquetes etc.) por um bom preço, cuidava de adquirir alguns a mais para oferecer aos meus clientes.

Eu, de fato, conhecia os melhores produtos, nem sempre conhecidos do grande público, mas, em geral, mais baratos. Nessa época, também, para driblar uma certa sazonalidade nos empreendimentos de lazer, imaginava que, se possuísse uma loja de artigos esportivos, poderia atender mais completamente às necessidades de meu mercado.

Efetivamente, entretanto, nunca havia feito algo de concreto nesse âmbito, exceto, um dia, sem compromisso, ter feito um esboço de um pequeno plano de negócio.

Certa tarde de quarta-feira, enquanto coordenava um treinamento, chegou um de meus antigos clientes, já um amigo pessoal.

Vestia terno e gravata; isso induziu-me, ainda ao longe e após cumprimentá-lo, a perguntar-lhe: “Saiu mais cedo do trabalho hoje?”. Respondeu: “Não...”. Insisti: “Está de férias, por que o terno, então?”.

Prossigui: “Não, fui despedido...”. Uaaaauu! Pensei. Assim, perguntei: “E isso foi bom ou ruim?”. Ele, já bem mais próximo, disse: “Você sabe, não é, Walther: meu emprego era muito bom, ótimas condições, porém, já não agüentava mais aquela pressão...”.

Ele era gerente comercial de uma instituição financeira, um banco pequeno de investimentos de capital estrangeiro. Profissionais dessa área, em geral, têm uma carreira muito curta e muito sacrificada.

Então eu disse: “Que bom... Agora podemos enfim montar aquele negócio de que tanto falávamos?”. Respondeu que sim, que poderíamos. Assustei-me. Muitas vezes, nós, paulistanos, assumimos uma série de compromissos sem muita convicção.

Com muitos amigos, já havia comentado meu interesse em montar um outro negócio. Mas como nunca havia agendado nada, então se tornou hábito. Por exemplo, numa conversa, muitas vezes perguntamos se a pessoa está bem e nem ouvimos a resposta ou, frente a frente, diz-se: “Um abraço...”. Por que não dá-lo, então?

Quantas vezes não dizemos: “Ah, neste ano vamos nos falar mais”? E passam-se anos... Da mesma forma, meu negócio tinha mais força de expressão do que intenção propriamente dita.

Continuei aquela conversa com meu amigo com a seguinte pergunta: “Então, vamos montar aquele negócio?”. Ele respondeu, mais uma vez, afirmativamente. Meu coração disparou. Pensei: “E agora o que eu faço?”.

Tentei uma última cartada: “Pegue sua agenda, vamos marcar um dia para conversar sobre isso...”. Ele abriu a agenda. Não tinha mais escapatória! Abri também minha agenda e, dois meses depois, a loja estava aberta.

Ele tinha saído daquela empresa muito bem, eu estava descapitalizado, mas consegui um financiamento no banco e, finalmente, lá estava a loja com a qual, um dia, havia sonhado.

Eu pensava: “Ele é mestrado e graduado em Administração na Fundação Getúlio Vargas, vai levar esse negócio ‘com um pé nas costas’ e eu vou ser o relações públicas e captador de clientes na academia e no clube”.

Um mês após a inauguração da loja, tendo o mercado sabido de sua disponibilidade profissional, ofereceram-lhe uma proposta irrecusável para trabalhar em um outro banco estrangeiro. A nossa loja ainda não dava lucro e ele se foi.

E eu, então, tinha uma loja com dois funcionários sob minha exclusiva responsabilidade. Isso eu não tinha planejado. Nem sequer havia imaginado tal possibilidade.

Durou quase um ano e meio. Descobri que eu não gostava de vendas a varejo, e cada vez menos permanecia na loja. Os funcionários começaram a atender meus clientes com menos atenção, perdi alguns deles e o empreendimento, que fora tão desejado, tornou-se então um obstáculo em minha vida.

Três meses após a abertura da loja, fiz uma proposta de compra da parte do meu sócio, bem aceita. Finalmente, não quis nem colocar o negócio à venda. Resolvi fechá-lo e acabar com o desgaste que estava me provocando.

Foi triste, mas era coerente com minha decisão de me sentir bem. Concluí que fora válido por tantas aprendizagens durante sua existência, porém, comercialmente, era um empreendimento fracassado.

Se nessa ocasião eu tivesse parado para consultar qualquer amigo ou consultor, certamente suas sugestões seriam bastante diferentes de minhas decisões. Não fora capaz de antever quais seriam minhas reações de gerenciar uma pequena loja. Tive a oportunidade de descobrir isso pessoalmente, em carne e osso.

Porém, na ocasião do fechamento, vivia outros problemas que me desgastavam o suficiente. Isso me conduziu àquela decisão drástica.

### **Ponderações**

A educação e nossa vida em sociedade nos propõem aceitar e administrar uma grande fantasia. Em algumas empresas, por exemplo, muitas pessoas fazem de conta que mandam e outras fazem de conta que obedecem.

Em certas escolas, da mesma forma, professores fingem que ensinam e alunos fingem que aprendem. Não há mal algum nisso. Faz parte da grande peça.

Exceto quando essas fantasias são tratadas como se fossem a Verdade. Nessa medida, deixa-se de viver a própria vida para interpretar papéis permanentes – assim começam as distorções sociais e comportamentais.

Mas como neutralizar a potência e efetividade dessa grande peça? Não tenho uma resposta que sirva para todos. Se soubesse, diria ser o auto-conhecimento – ele deveria nos libertar da rigidez de nossos papéis.

Porém, atualmente, mesmo essa palavra tem sido utilizada como uma bandeira de modismos que conduzem muitas pessoas a trilhar caminhos que não lhes são próprios.

Não obstante, creio no fundo do meu coração que há muita esperança. Abra bem os olhos e seja sincero consigo mesmo e... aguarde e siga sua intuição e “faro interior”. Em breve chegará lá.

Embora haja um grande risco de cometermos muitos erros nesse caminho, magicamente nossa mente interior nos protege daquilo que obstrui seu caminho de desenvolvimento.

Isso podemos perceber, principalmente, naquelas ocasiões em que sentimos uma pressão irracional para produzir mudanças. Embora sem lógica aparente, tais impulsos mudam naturalmente as condições de vida quando elas não são adequadas. Muitos chamam isso de golpe de sorte.

Porém, se fossem avaliar os riscos, nunca assumiriam tais mudanças.

## Chutando o Pau da Barraca!

Certa vez, conclui que meus empreendimentos não davam certo por muito pouco. Levei anos esforçando-me muito para conseguir resultados sempre abaixo do aceitável.

Mas, como eram pouco abaixo do aceitável, eu sempre os aceitava. Maldita flexibilidade e tolerância!

Enfim, quando me dei conta disso, resolvi algo sintetizado naquela frase célebre: “Agora... ou vai ou racha!”. Não racha!.

Porém, essa conclusão não deve ser adotada indiscriminadamente. Muitas pessoas tomam atitudes muito sérias para questões simples por terem diferentes níveis de tolerância. Como sabemos qual é a ocasião certa de fazermos mudanças drásticas?

Somente nossa própria sensibilidade e percepção são nossos sinalizadores nessas ocasiões. Não há resposta pronta.

Os exercícios propostos a seguir, no entanto, nos ajudam a desenvolver nossa sensibilidade para identificar mais precisamente aqueles sinais que nossa mente interior e o mundo nos oferecem diariamente.

## Quem Sou Eu?

Faça uma lista de algumas coisas que normalmente  **você tem de fazer**. Relacione essas atividades numa folha de papel: apenas quatro a seis itens comuns, mas que tenham de ser feitos por você.

Quando tiver a lista pronta, escolha uma posição confortável para seu corpo e faça ou construa uma fantasia de estar fazendo essas coisas. Você também pode apenas se lembrar de quando as fez ou faz ou se imaginar como se estivesse lá, por alguns instantes.

Enquanto estiver vivendo essa memória ou fantasia, simultaneamente observe os sentimentos e sensações que se instalam em seu corpo e mente. O que você sente? Como você se sente? Quem é você quando se lembra, fantasia ou se imagina fazendo as coisas que tem de fazer?

Descreva, por escrito, os sentimentos, sensações e percepções ou faça um desenho que represente esse seu estado interior. Podemos chamar a isso, neste momento, de estado de espírito, de percepção ou estado interior.

Uma outra forma de sondar essas percepções é imaginar que você terá de fazer essas coisas amanhã pela manhã, bem cedo... Numa escala de zero a dez, qual é o “tamanho” de sua disposição ou vontade de acordar para fazer essas coisas?

Faça uma nova lista de quatro ou cinco itens, porém, escolha  **agora coisas que você queira fazer**. Conforme terminar a lista dessas atividades, por escrito, faça um novo inventário dos sentimentos, sensações e percepções que se apresentam enquanto você fantasia, se imagina ou se lembra de quando as fez.

O que você sente? Como você se sente? Quem é você quando pensa, se imagina ou se lembra de estar fazendo as coisas que você quer fazer?

Descreva os sentimentos, sensações e percepções ou, novamente, faça um desenho que expresse essa parte de seu estado interior. Sim, aqui você também pode, se quiser, ponderar a sua motivação (de zero a dez) para acordar e fazê-las pela manhã bem cedo – é um “termômetro”.

Agora a última lista. Conforme você já tenha identificado o padrão do exercício, o objetivo é que descreva os sentimentos, sensações e percepções, faça um desenho ou escolha uma nota (de zero a dez) para a sua motivação se estiver pensando, lembrando ou imaginando fazer  **as coisas que você gosta de fazer**.

Exatamente, faça primeiramente uma lista e, sugiro, viva – em fantasia ou memória – demoradamente essas experiências. Perceba que para algumas pessoas esse é um outro universo interior. Para outros, entretanto, ele já se apresentou em alguma das perguntas anteriores.

## INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL HUMANO

Home-page: [www.bloqueios.com.br](http://www.bloqueios.com.br) E-mail: [potencial.humano@uol.com.br](mailto:potencial.humano@uol.com.br)

Fone: (19) 3258-6008 – Fone/Fax: (19) 3258-4454 – Campinas – SP

Há quem identifique mais de três estados interiores diferentes, dependendo das quatro ou seis atividades que relacionou em cada uma das listas. Há pessoas, no entanto, que só reconhecem dois estados diferentes, ou mesmo um só.

Considero um privilégio ter apenas bons sentimentos para esses três ambientes da existência humana. Segundo um de meus grandes mestres (e compartilho integralmente de sua opinião), exatamente aí reconhecemos o despertar da espiritualidade: quando acordamos de bom humor na segunda-feira pela manhã.

Quando os possíveis problemas e contratemplos do dia-a-dia já não mais obscurecem nosso discernimento ou nossos objetivos, sonhos e ideais de vida.

### **Quem Serei Eu?**

Quando você iniciou este pequeno livro, talvez tivesse alguns objetivos de vida ou metas. E ocasionalmente estivesse em busca deles.

Talvez os tivesse por escrito, talvez apenas imaginado ou mesmo escrito mentalmente. Não importa como. Durante a sua leitura, algo pode ter se transformado naturalmente ou reforçado sua convicção inicial.

Quem sabe até novos ideais ou sonhos tenham se apresentado... Agradeça sua mente interior pelo trabalho de síntese que ela realizou para trazer à sua consciência essas novas percepções.

Nesse momento, faremos uma prospecção interior em busca de mais detalhes dentro dessa dimensão de existência. Se você já leu outros livros desta série, provavelmente seu relacionamento com essa linguagem já esteja mais maduro.

Seja lá como for, quer seus objetivos iniciais tenham permanecido, quer eles tenham mudado ao longo da leitura, agora imagine um dia em que esses objetivos tenham sido alcançados. Escreva brevemente numa folha de papel aquilo que mais o comove.

Uma fantasia apenas, na qual tudo o que você queria, finalmente, tenha acontecido, como, por exemplo, ter conquistado aquelas habilidades que considera importantes e valiosas para seus novos planos. Ou atingido suas metas materiais e se tornado aquilo que imaginava ser bom para si mesmo.

E até sendo elogiado pela qualidade de seu êxito e empenho em conquistá-lo. Sonhar “pequeno” é bobagem!

Enquanto vive essa lembrança de um futuro, ou essa fantasia, se preferir, faça um novo inventário do que sente. O que você sente? Como você se sente? Quem é você quando pensa, imagina ou se fantasia fazendo aquilo que havia planejado fazer ou obter?

Relacione os sentimentos, sensações e percepções ou atribua uma nota para seu estado interior. Para sua motivação de sair em busca de sua realização.

### **Conclusões**

Compare agora as percepções captadas em “**Quem Serei Eu?**” com aquelas observadas em “**Quem Sou Eu?**”. Identifique o estado interior mais próximo, ao qual correspondem os sentimentos, as sensações e as percepções de atingir com sucesso seus objetivos (mesmo que em fantasia).

Compare também a caligrafia com a qual redigiu cada parte – levando em conta os detalhes de tensão, curvatura e inclinação das letras, fluência das idéias, tamanho de letras e palavras etc.

Temos os três universos de referência de “**Quem Sou Eu?**”, e temos também um novo estado de coisas de que queremos sondar o sentido interior inconsciente percebido nas avaliações de “**Quem Serei Eu?**”.

Essas percepções próprias do universo “**Quem Serei Eu?**” se assemelham mais com qual dos três universos: **eu tenho que...**, **eu quero...**, **eu gosto...**?

Ou seja, sondando as sensações e sentimentos associados aos nossos objetivos e sonhos, eu pergunto: “Quais das manifestações percebidas em seu próprio universo subjetivo são agradáveis?”.

Agora você talvez possa concluir com que empenho seu coração vai participar dessa empreitada. Em vez de servir para manipular os sentimentos, este é um indicador inconsciente.

Caso chegue à conclusão de que gostaria que fosse diferente, que os sentimentos deveriam ser melhores, então existem coisas a aprender antes da realização de tais objetivos. Talvez sua mente interior ainda não esteja convicta de seus planos.

Eventualmente, uma boa conversa de travesseiro consigo mesmo é suficiente para conseguir um certo apoio ou aceitação de que algumas daquelas metas possam ser interessantes.

Ao encontrar e relacionar vínculos de seus objetivos mais profundos ou de longo prazo (que sejam puros e profundos) com essas metas, natural e espontaneamente, a atitude interior pode mudar.

Não sou partidário de muitas “intervenções cirúrgicas” para mudar sentimentos. Novamente, acredito que podem estar faltando algumas coisas a serem aprendidas previamente.

### **Atitudes**

Embora existam muitas pessoas que se satisfaçam com a compreensão dos processos de aprendizagem, vivenciando muito do conhecimento apenas na dimensão do entendimento sem, ocasionalmente, experimentá-lo e testá-lo por si mesmas, garanto que mesmo isso está no caminho certo.

Há pessoas que preferem, no início, estudar e planejar minuciosamente o seu percurso. Se esse é o seu caso, e não teve vontade ou interesse pelas práticas, talvez não colha todos os benefícios imediatos desse trabalho, mas certamente imagino que aquilo que buscava aqui, consciente ou inconscientemente, talvez tenha encontrado.

Conheci muitas pessoas que me procuraram apenas para testar ou comprovar as bases do meu trabalho. Muitas delas encontraram mais coisas do que imaginavam encontrar inicialmente. Também fui assim, também sou assim, por vezes. Considero parte da natureza de explorador.

Encontrei inúmeros colegas nesse caminho com esses hábitos de entender, porém não praticar. Haverá um tempo no qual todo conhecimento será posto à prova, inconscientemente.

A vida nos convida a testar aquilo que aprendemos. Um dia, conversando com uma amiga que acreditava ser sua realidade de vida presente muito intensa e desgastante, contou-me que na “próxima encarnação” gostaria de ter apenas “sombra e água fresca”.

Perguntei-lhe, então: “E na vida seguinte?”. Mais cedo ou mais tarde a oportunidade de agir se apresentará, creio.

A seguir existem mais alguns experimentos para complementar nossa habilidade de melhorar nossa relação interior.

### **Oitavo Dia**

Vamos supor que você seja um excelente negociador e que alguma vez tenha pedido à Providência melhores dias, mais felicidade e mais prazer.

Até que, certo dia, este livro caiu em suas mãos. Vamos supor também que por seu empenho e determinação, finalmente tenha conseguido uma entrevista com o Administrador Chefe de todo esse mundo e que ele estivesse disposto a negociar com você.

Então, nesse momento você ganharia um dia a mais em sua semana para o seu exclusivo prazer e bem estar. Isso mesmo! Você teria em cada semana de sua vida um dia especial, só seu, para se sentir ótimo e ter prazer! (Nem acreditou, não é?)

Naturalmente, só você e os outros leitores deste livro teriam esse direito. (Eh! Eh! Eh!) Todos os outros mortais continuariam a viver suas semanas de sete dias.

Mas você conquistaria esse presente apenas se conseguisse descrever detalhadamente o que faria nesse oitavo dia da semana, por todas as semanas, para o resto de sua vida! Certamente você deveria também escolher um nome bastante adequado para esse dia.

Além disso, se o seu prazer depende da presença de outras pessoas, nesse oitavo dia, e somente nele, tais pessoas estariam à sua inteira disposição para realizar seus desejos, desde que isso não lhes fizesse mal algum.

Lembre-se, seria um dia completamente egocentrado. Faça uma lista daquilo que mais proporciona prazer e bem estar a você. Acredite, vai ser interessante essa fantasia.

Suponhamos agora que seu encontro com o Supremo tenha rendido mais um dividendo. Imagine que, junto com o oitavo dia, você ainda ganhou um...

### **Nono Dia**

Isso mesmo! Em todas as semanas, para o resto de sua vida! Um dia exclusivamente reservado para seu próprio crescimento!

Naturalmente, esse pacote promocional somente seria adquirido se você conseguisse dar um nome original para esse dia e descrever tudo aquilo que considera fundamental aprender em sua vida.

Lembre-se de tudo aquilo que algum dia você quis aprender ou desenvolver em suas competências e “ferramentas” para lidar com o mundo, e inclua nessa lista. Caso contrário, se não houver bons motivos ou justificativa suficiente, talvez não receba essa dádiva.

### **O Décimo Dia**

A essa altura, você talvez chegue à conclusão de que não era tão bom negociador quanto imaginava, porém... O Maior de Todos empurrou junto com os outros dois dias um terceiro: o décimo dia da semana!

Naturalmente, apenas você teria direito a ele nessa grande barganha!

Mas somente receberia essas pechinchas se utilizasse o décimo dia, por todas as semanas do resto de sua existência, para construir o seu próprio legado de vida. Certamente precisará escolher também o nome desse dia.

Pense bem, o que é aquilo que gostaria de deixar como fruto de sua passagem por essa existência para o mundo que o acolheu e compartilhou consigo a possibilidade de existir, respirar, viver, ser e outras coisinhas mais?

Por que feito você gostaria de ser lembrado pela eternidade adentro? Algo pelo que construiriam uma estátua sua em um lugar bastante visível.

Há aqueles que seriam lembrados pela sua dedicação em ajudar outras pessoas fazendo caridade. Há outros que seriam imortalizados pela sua excepcional habilidade de construir.

Há também os desbravadores, os curadores, os “julgadores”, os artistas, os poetas, os viajantes e exploradores, os cientistas, os educadores, os pensadores etc.

### **Memórias do Futuro!**

Se você foi honesto em relacionar as propostas dos dias extraordinários da semana, então sugiro que agora medite durante alguns minutos, antes de prosseguir a leitura, sobre o que você gostaria que acontecesse nos próximos anos. Pense em seus sonhos e objetivos... Sobre o sentido do que quer e busca.

Se preferir, até pode escrever suas percepções como se tivessem acontecido e você já estivesse contando-as como se fossem memórias. Se fizer isso com respeito e seriedade, possivelmente consiga conectar uma dimensão de sua mente interior na qual passado, presente e futuro possuem existência simultânea.

Nesse caso, com as devidas atitudes, compreenderá aquilo que chamo de memórias do futuro.

## Considerações finais

Percebemos que existe vento ao observar os movimentos das folhas e das árvores através da janela. Concluímos que choveu durante a noite ao observarmos as plantas, os carros e as ruas molhados pela manhã.

Da mesma forma, percebo a presença de meu Mestre. Não porque o vejo ou escuto conscientemente, mas pelas evidências ao longo da minha existência.

Nos momentos de dúvida ou de desamparo, Ele aparece como uma criança, dentro de mim mesmo, de repente, indicando a beleza do mundo e das coisas simples, apontando para a poesia dos sentimentos, às vezes contraditórios ou melancólicos, que se sucedem, seguidos de profunda convicção e fé no caminho natural das coisas e de uma esperança de poder presenciar e participar da construção de um mundo melhor para todos.

Esses instantes de expressividade cristalina, em algumas ocasiões, fizeram parte de um dia de trabalho transcrevendo as histórias e as vivências dos workshops. Também estiveram presentes naquelas ocasiões e oportunidades de introspecção que precedem o adormecer.

Momentos que, para muitos de nós, só não nos comovem mais profundamente devido ao torpor do sono aproximando-se e pelo fato de, comumente, serem esquecidos ou ignorados por aquela identidade social e normal que incorporamos durante a atividade diária.

De fato, com grande naturalidade, podemos nos surpreender com os pensamentos, os sentimentos e as impressões que nos assaltam a vaga consciência que antecede o adormecer e que, apesar de tudo, são provenientes de nós mesmos, quem sabe...

E nos indicam que somos muito mais do que aquilo que acreditamos. Observe os sonhos, os ideais e as motivações interiores que temos oportunidade de identificar até como se fôssemos, eventualmente, outra pessoa, nos momentos em que abrimos mão da ação e nos oferecemos à sabedoria do descansar.

Como é doce confiarmos no fato de acordarmos após um período de repouso ao qual nos abandonamos de forma tão natural e conhecida.

Ainda assim, para alcançar, identificar e aceitar essas diferentes formas de existir que convivem dentro de cada um de nós, passaram-se muitos anos de árduo trabalho de libertação por meio do conhecimento, do convívio e da prática de desaprender muitos daqueles hábitos necessários ao processo de ambientação, sociabilização e aculturação que acabam moldando nossa percepção e nossa identidade.

Há muito experimentamos diferentes dimensões de nosso ser, mas, para chegarmos a aceitá-las como parte de nós, algum tempo será investido para nos libertarmos de nossa própria crença a respeito de quem somos (considere que os seres humanos ainda não se utilizam e não expressam integralmente a completa dimensão de suas potencialidades e que sua identidade e auto-imagem são estruturadas a partir de uma pequena parcela de possibilidades).

## **SOBRE O AUTOR**

Em busca de muitos milagres pela vida, acabamos deixando de ver aqueles que estão debaixo de nossos narizes! A existência da vida é algo milagroso! Respirar, mesmo sem perceber, é milagroso!

Esse clima de mistério que envolve nossa existência também acompanha minha vida desde muito cedo. Não somente pela natureza das coincidências e encontros preenchidos de muita magia, mas também pela poesia, simplicidade e elegância desses fatos.

Esse é o clima que me permite afirmar que tudo aquilo que busquei para minha satisfação tornou-se uma faceta de minhas profissões.

Quando comecei a praticar tênis, buscava um esporte adequado para meu temperamento. Quatro anos depois, estava começando a ministrar minhas primeiras aulas. Embora com muita determinação e afinco, com péssimo desempenho!

Quando comecei a aprender hipnose, na forma de práticas de relaxamento e concentração, apenas buscava melhores resultados em competições esportivas, pois, em torneios, meu desempenho era oitenta por cento menor que em treinamento.

Nessa época ainda não aceitava ainda essa palavra! Posteriormente, tornei-me consultor em psicologia do esporte. Ainda mais tarde, tornei-me um hipnólogo especialista em aprendizagem. Um arquiteto do aprendizado, como gosto de chamar.

Quando comecei a praticar Tai Chi Chuan, buscava uma alternativa complementar para o duro treinamento e condicionamento físico do tênis para competição. Tornei-me monitor rapidamente, pois já possuía uma coordenação motora treinada.

Posteriormente, instrutor. Um pouco mais tarde, tais experiências transformaram minha compreensão do aprendizado motor, e construí o Método Hermann's Light Tennis, especial para o aprendizado natural de adultos.

Quando comecei o estudo da Programação Neurolingüística, buscava melhores ferramentas para compreender a natureza humana, minha e dos outros. Muito rapidamente, tornei-me profissional da área, transformando-me em palestrante.

Quando comecei a estudar música, buscava novos horizontes de aprendizagem. Rapidamente me proporcionou uma nova compreensão do aprendizado do esporte e incorporei alguns de seus princípios de ritmo e velocidade ao método de aprender tênis.

Posteriormente, contribuiu para a construção do método OLeLaS (Open Learning Language System) de Aprendizagem Acelerada de Línguas Estrangeiras, o produto que me trouxe maiores dividendos até aqui.

Utilizarmo-nos de nossas inclinações naturais contribui muito para sermos felizes. Ao encontrarmos nosso caminho, podemos ajudar outras pessoas a encontrar os seus, e isso nos proporciona ainda maior realização. Esse é o nosso melhor destino!

## **Apresentação e Agradecimentos**

### **Coleção Histórias que Libertam**

Os trabalhos apresentados nesta edição fazem parte dos resultados atingidos a partir da reunião, “mastigação”, “digestão” e síntese das mais variadas experiências pessoais, profissionais, sociais e emocionais e psicológicas vividas pelo autor.

Os “atores” desta peça constituem-se de mestres, professores, amigos e alunos dos vários empreendimentos que antecederam ou coexistem com a editora do Instituto de Desenvolvimento do Potencial Humano.

Gostamos muito de compreender o atual momento pelo qual passa a humanidade como mais um degrau de uma longa jornada evolutiva em que repetimos a mesma transformação pela qual passamos em tempos remotos, porém num nível mais simples. Isto é, quando os organismos unicelulares (expressão máxima da vida há mais de um bilhão de anos) de alguma forma “resolveram” se associar na formação de organismos multicelulares. Houve uma tremenda revolução de modelos de sobrevivência desses seres.

Numa etapa posterior, formaram-se organismos com determinadas especializações e, sabe-se lá quando, apareceram os órgãos. Mais e mais complexidade evoluiu para chegar ao atual cume da criação considerado por nós como o ser humano.

Embora exista algum consenso para a separação entre Homem e Natureza, principalmente no discurso que classifica o comportamento humano de predador ou agressor, talvez possamos também aceitar que nós mesmos somos a própria natureza (em uma de suas múltiplas formas de expressão e manifestação) ou, se preferir, o desfecho atual de nossa jornada evolutiva.

Essa abordagem sistêmica de conceber Homem e Natureza abre a possibilidade de aceitarmos um novo papel ou destino: o de sermos apenas as “células” de um organismo muito maior, mais complexo, mais sofisticado, que possa expressar um padrão de consciência ainda muito mais elevado e, ao mesmo tempo, profundo.

Talvez a religião do futuro seja então voltada para aquilo que nós, seres humanos, possamos criar. Se isso faz algum sentido, que nos reunamos em torno de objetivos comuns, então os templos deste futuro serão as organizações que assumirem a missão e o compromisso de expressar e sustentar o crescimento e o desenvolvimento humano.

Aqui, sonhando com uma era de muita prosperidade e fraternidade verdadeira, mostra-se a mais pura definição de espiritualidade que adotamos, emprestada de um mestre: percebemos o despertar da espiritualidade quando, na segunda-feira pela manhã, cedo, começamos a acordar de muito bom humor... Quando os problemas cotidianos não obscurecem mais nossa visão de longo prazo, nem comprometem o sentido que damos à nossa existência. Quando, enfim, trabalhar será um grande prazer durante o qual estaremos criando um mundo melhor para todos nós.

Nessa “matemática”, um mais um pode ser muito mais que dois. Quem sabe seja essa a principal “tabuada” do próximo degrau da jornada evolutiva humana quando nos referirmos ao imenso poder de pensarmos, planejarmos e agirmos juntos... Às portas do terceiro milênio!

A partir disso, faço agradecimentos especiais àquelas pessoas mais proximamente envolvidas com a concepção dessa nova apresentação deste livro que incorporam os conhecimentos atuais, não obstante, mais antigos, nos campos da educação, ciências do comportamento, antropologia e saúde de uma forma simples e prática.

Algumas delas são Viviani Bovo, minha esposa e sócia, Rubens Queiroz de Almeida e John Winder, sócios e parceiros em vários projetos, Kamil Kerth, Célio Antônio da Silva, Virgílio Vasconcelos Vilela, Hélio e Miriam Torrano, Raquel Bovo, Octávio Bovo, Luiz Modesto e Beatriz Barboza, Danae Stephan, Gilson da Silva Domingues e Solange Reichmann, uma amiga distante porém não esquecida.

Esta lista de agradecimentos deveria ainda incluir muitas outras pessoas que contribuíram direta ou indiretamente com a obra, entretanto, se isso fosse feito, o livro teria quase o dobro do tamanho. Por isso, desejo deixar registrado que esse trabalho não seria possível sem todas essas outras pessoas do presente e do passado que participaram da minha vida e das histórias contadas.

A finalidade principal desta coleção é disponibilizar trabalhos, em sua maioria, já realizados ou criados especialmente nesta ocasião que comprovadamente tenham contribuído para alimentar mudanças de percepção, despertar da força criativa (força interior) ou proporcionar nova compreensão e mais discernimento aos seus leitores ou ouvintes (quer em seminários, palestras ou sessões de atendimento individual).

Certamente, como qualquer outra obra desta natureza, muitas vezes denominada de auto-ajuda, terá sua banda de resultados efetivos para um público limitado.

Se existir algo que possamos considerar diferente neste empreendimento, isto provavelmente será apenas a forma de apresentação estruturada com o objetivo de construir a intuição ou “insight”, além de uma quantidade muito pequena de propostas e compromissos do tipo: “Você **tem de fazer** isso...”, “Você **deve agir ou pensar de tal forma...**”.

Também é diferente o fato de levar em consideração que sua mente interior participa ativamente desta leitura, extremamente atenta e pronta para aproveitar as oportunidades do texto para oferecer-lhe evidências dessa participação. Além do pressuposto de sua extrema inteligência e sabedoria inconscientes... Na prática, isso nos guia para uma nova visão de mundo (quase invertida!).

Lembrando que a maior parte deste trabalho já existia e que a contribuição de várias pessoas tornou possível e viável esta apresentação, da mesma forma, se você fizer uso de alguma destas histórias como presente para alguém que considere precisar, e se este gesto possuir uma intenção sincera de ajuda, apoio e amor, certamente carregará muito mais poder em suas palavras.

Esse se transformará no grande salto pelo qual estamos passando em nosso caminho de aprendizado e desenvolvimento. E assim estaremos atuando juntos na construção de mais saúde física, emocional, psicológica e espiritual.

# Coleção Histórias que Libertam

## Apresentação da Série

Esta coleção não possui uma seqüência definida ou ordem de leitura entre seus títulos. Por outro lado, as fronteiras entre cada assunto que abordamos nesta série não são precisas. Isso significa que alguns temas ganham maior sentido ao lermos outros títulos relacionados como sugestões. De fato, a apresentação compacta dos temas tratados pede que não se repitam histórias em mais de um título, embora algumas delas sejam importantes em algumas ocasiões diferentes.

Dessa forma, se o estilo de linguagem e abordagem forem atrativos, naturalmente despertarão o interesse pela leitura de assuntos familiares. Especialmente neste caso, sugerimos como um passo importante na compreensão da **Aprendizagem Inconsciente** a leitura do primeiro livro desta série: **“Os Problemas São a Solução”**. Lá estão descritas a filosofia básica que é a atmosfera desta série e a importante atitude da **Leitura Criativa**.

## Títulos e Assuntos Desta Série

### 1. **Os Problemas São a Solução**

Em muitas ocasiões, as maiores e melhores habilidades das pessoas foram forjadas ao superarem os seus mais difíceis desafios. Você já ouviu falar que muitas das pessoas muito bem dotadas não dão valor aos seus "tesouros"? Aceitar os desafios que se apresentam em nossos caminhos e enfrentá-los com sabedoria nos proporciona os prêmios que nossas vidas têm para nos oferecer. Além disso, grande parte das vezes, se soubermos entender os problemas, descobriremos que eles mesmos são soluções para nossos destinos! É o primeiro livro desta coleção e apresenta as linhas gerais dessa abordagem.

### 2. **Motivação Poderosa - Construindo o Próprio Caminho**

Nos momentos de nossas vidas que realizamos mais com menos esforço, estamos conectados a uma dimensão de nossa concentração e motivação que somente se expressa quando estamos no caminho destinado a nós, seja ao expressar nossos dons ou ao conquistar um grande desafio em nossas vidas. Este livro oferece algumas reflexões sobre esse encontro com nossos maiores poderes e as ocasiões em que se manifestam com maior intensidade.

### 3. **Renascendo das Cinzas I - Compreendendo a Morte e Conquistando a Vida**

Em nossas culturas ocidentais, a morte é considerada a mais desafiadora experiência humana. Porém, ao longo de nossas vidas, ela se apresenta muitas vezes de forma simbólica ou explícita. Compreender a natureza dessas oportunidades de desenvolver o desapego e aproveitar essas ocasiões para refletir sobre a real essência da vida torna-se uma rica experiência de amadurecimento e aprendizado. Saber "morrer" cria espaço para aprender a renascer. Este é um livro sobre a vida... Escrito para os bem vivos!

### 4. **Renascendo das Cinzas II - Compreendendo a Morte e Conquistando a Vida**

Naquelas ocasiões em que sentimos a fragilidade de nossas vidas, quando seres microscópicos são capazes de colocar em risco nossos sonhos de viver melhor, criando doenças e limitações em nossa forma de expressão, ficamos preenchidos de medos e maus sentimentos. Outras culturas nos ensinam, entretanto, que essas são ocasiões sagradas de aprendizado profundo e transformação. Poder encontrar o sentido dessas experiências consideradas tão negativas, em geral, permite-nos encontrar saídas para curas milagrosas. Este é um livro sobre libertar-se dos males que acompanham as doenças e provações na vida.

## 5. **Transformações e Soluções Criativas**

De todas as nossas importantes ferramentas para lidar com as nossas vidas, certamente criatividade é uma das fundamentais. Somente quando somos criativos somos capazes de encontrar nossas próprias soluções. Se observarmos o mundo atual das oportunidades e do caos, certamente concluiremos que ainda existem inúmeras possibilidades de melhorar as coisas para nós mesmos e para as outras pessoas. Entretanto, devemos ativar nossa força criadora para buscar esses resultados.

## 6. **Criando Mudanças**

Há algumas ocasiões em nossas vidas em que constatamos que tudo possui seu curso natural e não estamos mais excitados com as coisas. Nesses momentos, quando nos sentimos cansados de nós mesmos, aparecem oportunidades de fazermos transformações em nossas vidas... Este livro trata dessas mudanças quando ainda podemos planejá-las. Caso contrário, em breve, "a própria vida vem nos pegar"! Essa é uma importante arte: saber antecipar as crises para ocasiões em que elas ainda podem ser "controladas".

## 7. **Encontrando o Seu Melhor Destino**

Cartas, bolas de cristal, leitura das mãos, etc, são soluções que a humanidade encontrou para sondar o desconhecido futuro! Porém, cada um de nós possui todas as percepções que precisa para encontrar o seu melhor destino, embora não tenhamos aprendido a identificar tais sinais e evidências em nossas vidas. Por isso ficamos a mercê de tais adivinhos. Ocasionalmente, vivemos experiências de vida que nos enriquecem interiormente porém, se soubéssemos antecipadamente quais seriam as situações a serem vividas, certamente evitaríamos esses caminhos contrariando nossos destinos profundos. Há uma grande sabedoria em antever um futuro possível... Mas também há uma grande sabedoria em desconhecer nossos possíveis destinos... Esse paradoxo somente possui solução quando encontramos o nosso próprio caminho!

## 8. **A Força do Dragão I - Superando o Medo**

Embora o medo, o pânico e seus irmãos sejam dos mais temidos sentimentos em nossas vidas, certamente a Providência não seria tão estúpida de criá-los se não tivessem uma importância fundamental de nos proporcionar algum aprendizado. Por estranho que possa parecer, na compreensão das novas ciências da cura, tais sentimentos são muito mais soluções inconscientes do que problemas. Aprender com tais manifestações e seguir os caminhos que nos levam a compreender melhor a natureza de tais sentimentos encaminham nossas vidas para um encontro mais rápido com nosso interior.

## 9. **A Força do Dragão II - Ansiedade, O Combustível do Sucesso**

Nem sempre encontramos os melhores nomes para definir nossos sentimentos. Este livro trata de inteligência interior e da compreensão de que, se dermos nomes negativos a manifestações boas de nossa mente inconsciente, criamos grandes conflitos interiores. Principalmente se tentarmos nos livrar dessas partes de nós mesmos para aceitarmos um papel que não nos é destinado. Aprender a lidar com as sensações que comumente nos invadem faz com que desenvolvamos maior auto-conhecimento e uma compreensão mais profunda de nossa essência, guiando-nos para uma vida melhor.

## 10. **Força do Dragão III - Conquistando o Peso Ideal**

"Para pessoas diferentes, os chamados são diferentes". Em cada filme de aventura, drama ou ação a que assistimos, cada herói recebe um desafio que serve para construir todo o desenrolar da trama. Para algumas pessoas, encontrar um equilíbrio em sua forma de se alimentar ou estabilizar um determinado peso impulsiona-os para buscas de "segredos sagrados" em qualquer parte do mundo. Poucas vezes vão buscar essas soluções dentro de si mesmas. Quando reconhecemos que nossos desejos e vontades são elaborados numa dimensão mais interior, compreendemos que nossa mente inconsciente conhece, há muito tempo, as respostas que buscamos. Saber se alimentar, aprendendo a reconhecer as necessidades e percepções de nosso próprio corpo, é uma oportunidade para qualquer pessoa, não somente para obesos ou magros.

### 11. **Desbloqueando o Aprendizado de Idiomas I**

Desbloquear o aprendizado de línguas é apenas um passo no processo de compreender de uma forma completamente diferente a natureza da educação. Se cada um de nós já aprendeu a mais difícil língua estrangeira (a nossa própria língua mãe, quando éramos crianças), por que não usamos as mesmas estratégias para os outros idiomas? Porque nossa educação nos instala inúmeros bloqueios ao longo da vida. Este livro explica as razões de tais dificuldades.

### 12. **Desbloqueando o Aprendizado de Idiomas II**

Este livro, como continuação do anterior, oferece algumas dicas sobre como conquistar a habilidade de falar outros idiomas com naturalidade, facilidade e rapidez. São dicas que incluem alguns exercícios para ativar nossa mente inconsciente para que volte a funcionar como quando aprendemos o mais difícil idioma estrangeiro... o primeiro deles, chamado de língua mãe.